



# FAMÍLIAS NUMEROSAS



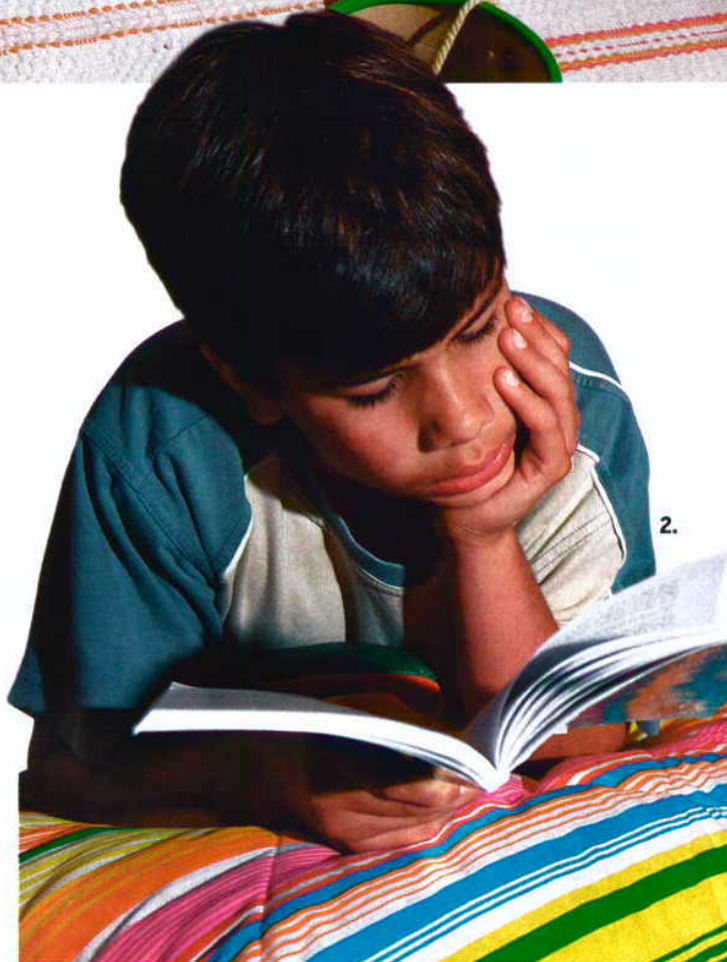
# Plácidos domingos

Longe da cidade, os Paiva têm na independência a receita para o equilíbrio

Texto de **Luís Miranda** Fotografias actuais de **José Santos**

**É** UMA tarde de domingo normal na casa da família Paiva. Descontraída, molengona e de chinelos, como devem ser as tardes de domingo. António, o pai, abre a porta sem pedir as habituais desculpas pela desarrumação. «**É um dia como os outros, não mudámos**

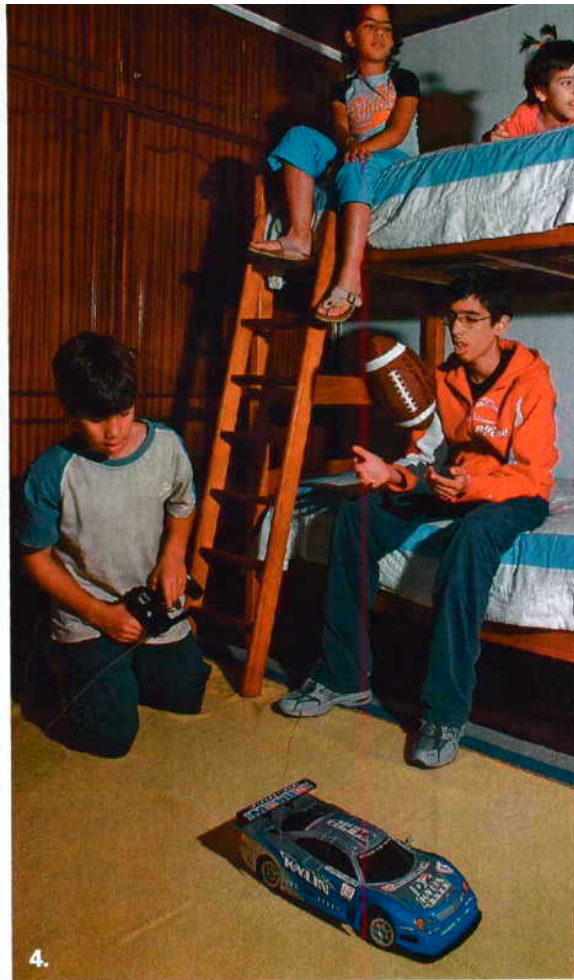
**nada na nossa rotina**». Os quatro filhos vão surgindo aos poucos, arrancados da PlayStation, trabalhos de casa e outras ocupações próprias da(s) idade(s). Matilde, três anos, aparece na sala a gabar-se do penteado novo; Carolina, de nove, oferece um café; Miguel e Francisco, de



2.

Quando os pais estão fora, o jantar é por conta dos filhos. Nada de sofisticado, dominam as *pizzas* e conhecem os truques do microondas

1. Matilde e Carolina no quarto  
2. Miguel em leituras



3. e 4. Instantâneos dos irmãos em casa, ao domingo  
5. e 6. Fotografias dos quatro filhos, numas férias em família

11 e 15 anos, cumprimentam as visitas com cara de: «O que é que estes estão aqui a fazer?».

A explicação é um número: quatro – os quatro filhos. Mas uma casa cheia não implica excessos de zelo: «Toda a gente mexe em tudo», diz o pai. Mesmo nos mais de 1500 DVD que colecionou. Acrescenta, sem a preocupação habitual de um colecionista, que «as coisas cá em casa têm de ser vividas e mexidas».

Dentro e fora de casa, o à-vontade dos mais pequenos é prioritário e a sua educação orientada para a liberdade. Os filhos (entre os três e os 15 anos) já fazem o jantar quando os pais estão fora. Nada de muito sofisticado, é verdade, dominam as *pizzas* e conhecem os truques do microondas. E aprendem a desenrascar-se à mesa do pequeno-almoço sozinho desde muito cedo. «Não

há confusão nenhuma, sabem onde está tudo: o leite, as bolachas...», conta Margarida, a mãe. «Até preparam o lanche para levar para a escola». Nem os três anos de Matilde a impedem de se orientar pela despensa. Resultado: três pacotes de leite com chocolate devorados em poucos minutos. «Quando se quer que as crianças sejam muito autónomas estas coisas acontecem», explica o pai.

Os Paiva vivem em A-dos-Cunhados, no concelho de Torres Vedras. Margarida, natural de Pombal, é professora e António, de Coimbra, trabalha numa empresa de medicamentos. Viveram em Massamá depois de uma temporada na Figueira da Foz, mas a mudança definitiva que os trouxe até à vila do Oeste deu-se graças ao trabalho da mãe, que acabou colocada numa escola da re-

gião de Freiria. Os pais dizem que não fazem vida de bairro, sem tempo entre empregos e tarefas domésticas. Os filhos encarregam-se de socializar por eles: «Conhecem toda a gente na rua, vamos a passar e cumprimentam-nos. As pessoas sabem que eu sou a mãe do Miguel ou do Francisco».

A mais pequena tem uma diferença de seis anos da irmã Carolina, que pedia mais uma menina para ter com quem brincar numa casa de rapazes. Mas quando Matilde nasceu a irmã «viu que não vinha do tamanho dela», conta a mãe, e perdeu o entusiasmo. Dão-se todos bem. «Os irmãos apoiam-se uns aos outros», contam os pais, mas Francisco, o mais velho, resmunga às vezes que «o bom era quando estava sozinho».

Depois do quarto filho, as portas da casa de A-dos-Cu-

nhados só se voltaram abrir para receber dois hóspedes. Um casal de tartarugas que, ironiza o pai, «fazem muita companhia». Problemas não dão, é certo. E não obrigam a mudanças como o nascimento do quarto filho. Há famílias que gostam de apontar o carro novo como grande alteração de fundo à gestão familiar. António fala antes do sofá da sala onde deixaram de caber depois de nascer Matilde. A propósito de sofá: quando este é arrastado para trás, para deixar espaço à fotografia de grupo, uma série de brinquedos emerge por baixo da mobília. É uma tarde de domingo normal na casa da família Paiva. Não é preciso pedir desculpa pela desarrumação. 

Produção de Paula Calisto  
contacto: paulacalisto@oniduo.pt